

FEV 74

informação associativa - 6

S. N. E. - Serviço de Notícias Estudantil - A. E. F. C. L.

Preço 1\$50

NESTE NÚMERO:



T
TORRE
DO
TOMBO

A luta dos estudantes

EDITORIAL

AO AVANÇO DA LUTA DOS ESTUDANTES...

A luta dos estudantes portugueses tem dado grandes passos em frente.

Os estudantes já não vão guiar os autocarros da Carris quando os operários estão em greve, como faziam os estudantes do técnico no princípio do séc.. Os estudantes não se limitam a pedir maior número de professores, mais tubos de ensaio, não se têm mantido nos "limites da saudável contestação estudantil" desejados pelo Veiga Simão, para assim "aprender a viver com ela".

Há anos contentávamo-nos com lutar pelo nosso "dia do estudante" e ficávamos, quando ele era proibido, por telegramas "a pedir explicações" ao Snr Ministro. Agora, organizados, enfrentamos os nossos problemas, e não nos ficamos pelo acessório, pelos efeitos, pelos excessos, como o Sr. Ministro gostaria para nos ir entreterendo a "contestação" com o diálogo (entremeado com uma ou outra cacetada), com meia dúzia de rebuçados. Sabemos que para defender, consequentemente, as nossas posições temos que perceber as causas, a raiz dos problemas que enfrentamos. Sabemos que, para fazer vingar o que achamos justo não podemos ficar à espera da "boa-vontade" das autoridades, temos que nos organizar e lutar. Sabemos que só podemos contar com a força da nossa organização, da nossa unidade, do nosso esclarecimento, da nossa firmeza.

É por isso que somos reprimidos. Mas quando por exemplo estudantes são presos ou expulsos, os estudantes já não se ficam por "greves da fome" de protesto platónico e muito menos vão pedir perdão, como em 69 os dirigentes reformistas de Coimbra fizeram, ao presidente Tomás, que lhes levantou as suspensões e desculpou "aquelas rapaziadas".

Agora, ao contrário desses traidores, a cada medida repressiva, temos cerrado fileiras e o governo tem pago pela sua cega fúria repressiva, o preço do total desmascaramento dos interesses reaccionários que defende, o preço do despertar para a luta de mais e mais estudantes solidários com as lutas e os colegas vítimas da repressão o preço do avanço e radicalização dos nossos objectivos, das formas de luta que expomos "ao ar livre".

continua na pag 9

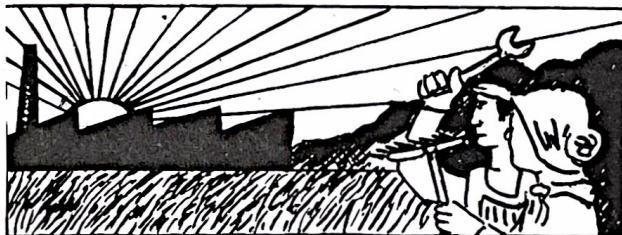
Moscavide:

o que a imprensa oficial não disse

Um deles tinha ido pôr o filho à mercearia - sabia que o fogo não chegaria aos prédios altos e bem construídos que circundam o bairro de lata.



O Povo em Luta



Crise do petróleo?

PORQUE É QUE ESTE JORNAL É PAGO ?

Não estamos habituados a pagar directamente os nossos jornais.

No entanto, através da quota de sócio, das sebetas e dos subsídios que arrancávamos ao governo, conseguíamos assegurar financeiramente uma imprensa associativa regular.

O governo encerra as Associações mas nós não abdicaremos de uma imprensa estudantil democrática e autónoma.

Se não forem os estudantes a contribuir financeiramente não será possível manter uma INFORMAÇÃO ASSOCIATIVA REGULAR.

As lutas dos estudantes do Ensino Secundário têm vindo a desenvolver-se desde há 3 anos para cá. Ontem, as técnicas e liceus de Lisboa caracterizavam-se por uma apatia generalizada, em que os estudantes estudavam, os professores ensinavam. E mesmo quando as lutas despontavam espontaneamente, esboroavam-se por não organizadas. Hoje, os estudantes das técnicas e liceus de Lisboa levam para a frente lutas organizadas (no seu movimento sindical - o MAEESL), fazendo MEETINGS, distribuindo comunicados, discutindo democraticamente o ensino caduco que lhes ministram. Aos "presentes" de "abaixo-assinados" e "campanhas de participação" eles respondem, repudiando esses métodos de luta.

Foi nesse sentido que estudantes do ensino secundário se reuniram no dia 16 numa AG, e lá, foram presos. Mas também à hesitação de ontem, os estudantes responderam firmemente, como o demonstra este "manifesto dos estudantes presos e multados".

NÃO PAGAREMOS AS MULTAS !

MANIFESTO DOS ESTUDANTES PRESOS E MULTADOS NA A.G. DE 16 DEZ

- Aos nossos colegas do ensino secundário e universitário
- Aos nossos camaradas de luta

No dia 16 de Dezembro de 1973, quando nas instalações da Faculdade de Medicina de Lisboa, realizávamos uma Assembleia Geral convocada pela Direcção do MAEESL, com a presença de perto de 200 estudantes, verificámos que dezenas de polícias de choque tomavam posição fora do edifício e pouco a pouco iam cercando a sala onde nos reuníamos. Não nos intimidámos e prosseguimos calmamente a nossa reunião. No final quando cerca das 20h nos preparávamos para sair, a sala encontrava-se completamente cercada de polícias de choque que não nos permitiam sair, chegando mesmo a engatilhar as pistolas quando o pretendíamos fazer em conjunto. Depois fomos identificados e todos transportados "gratuitamente" nas carrinhas da PSP, para os calabouços do Governo Civil de Lisboa, onde passámos toda a noite. Lá tomámos a inequívoca posição de não colaborar com os nossos carcereiros, votando - os ao desprezo total, não cedendo às suas intimidações para que denunciássemos colegas nossos. Às 3 horas da manhã foram levados para Caxias alguns colegas. No final fomos intimados a pagar cada um uma multa de 2.250\$00 no prazo de 10 dias.

PORQUE FOMOS PRESOS E MULTADOS?

Fomos presos e multados porque impúnhamos na prática a liberdade de Informação, Reunião e Associação.

Na nossa vida diária de estudantes das técnicas e liceus de Lisboa, é-nos vedada toda e qualquer liberdade. As nossas escolas são autênticos quartéis, onde qualquer tentativa de impor os nossos direitos é imediatamente reprimida.

Quando queremos informar-nos do que se passa nas nossas escolas, proibem-nos de reunir, proibem-nos de distribuir comunicados, prendem e expulsam colegas nossos.

Quando queremos discutir os nossos problemas, impondo a realização de reuniões, contínuos-pides pululam de navalha em punho, a polícia invade as nossas escolas como o fez no liceu D. Pedro V e no Padre António Vieira.

Quando queremos organizarmo-nos autonomamente, logo os nossos directores e reitores ensaiam todas as manobras para o impedirem, ameaçando-nos com expulsões e suspensões.

Foi por isto que fomos presos e multados, é por isto que continuaremos a lutar pela Liberdade de Informação, Reunião e Associação.

Fomos presos e multados porque temos consciência do reaccionarismo do nosso ensino e estamos dispostos a lutar pela sua modificação!

Nas nossas escolas tentam por todos os meios dotar - nos dum espírito acríptico e dócil.

Os nossos professores impingem-nos matérias desligadas da realidade e caducas. É a "independência de Portugal a dever-se à espada de D. Afonso Henriques" e "a pobreza dos países sub-desenvolvidos a dever-se a condições climáticas". É o Mundo a merce de "forças ocultas ou de Deus", são dezenas de outros princípios reaccionários que nos querem impor.

Nas nossas escolas vigora a onipotência do professor, cuja sabedoria nunca se pode pôr em dúvida e todo o aparelho repressivo complementar, como faltas de castigo, contínuos-bufos que nos espiam, expulsões e suspensões. Visam as autoridades impedirem-nos assim de nos tornarmos conscientes da realidade que nos cerca, para que mais tarde os possamos vir a servir melhor, tornando-nos "cidadãos respeitáveis aptos a cumprir os seus deveres na sociedade" deveres como ir

mos combater para as colónias e mais tarde irmos completar os quadros que o Governo necessita para continuar a manter o actual estado repressivo.

Foi por estarmos conscientes desta situação que fomos presos e multados, é por isto que continuaremos a nossa luta por um ensino ao serviço do Povo.

Fomos presos e multados porque temos consciência que a situação do ensino reflete a situação da sociedade portuguesa e estamos dispostos a lutar pela sua alteração!

Nós sabemos que a sociedade onde vivemos é baseada na exploração desenfreada das classes trabalhadoras.

Nós bem vemos o governo a manter uma sociedade que nega os mais elementares direitos fundamentais.

É uma imprensa e restantes órgãos de informação amordaçada dos pela censura que habilmente "filtra" tudo o que não convém ao governo. É uma imprensa que nos despeja diariamente as maiores mentiras e calúnias sobre a luta progressista dos povos de todo o mundo e do povo português em particular.

É a feroz repressão sobre as lutas dos trabalhadores de que são exemplos a recente invasão da TAP pela polícia para metralhar e cacetejar os trabalhadores em greve, a ocupação policial da Marinha Grande contra os trabalhadores que lutavam firmemente contra a farsa eleitoral, são dezenas de outras atitudes repressivas.

As autoridades têm consciência que os estudantes do ensino secundário estão a dar largos passos na compreensão desta situação e não é certamente por acaso que eles investem quando discutíamos a necessidade de informar o Povo das nossas lutas, elas sabem que nós cada vez mais pomos em causa a sociedade actual; é disso que elas têm medo. É por isso que elas tentam desesperadamente "afogar" a nossa luta.

PORQUE NÃO PAGAREMOS AS MULTAS?

Querem agora que paguemos as multas que nos tentam impor? Não o faremos!

Fazê-lo era reconhecer que estávamos a praticar alguma reunião "subversiva e ilegal"!

Fazê-lo era reconhecer alguma legitimidade aos nossos juizes!

Fazê-lo era reconhecer que o governo tem razão em aplicar as multas!

Fazê-lo era traír os objectivos da nossa luta!

Apesar de alguns colegas nossos terem cedido à chantagem familiar e já terem pago, nós podemos afirmar em nome de esmagadora maioria: "NÃO PAGAREMOS AS MULTAS"!

Os estudantes multados saudam fraternalmente os colegas em luta, nomeadamente os do Técnico!

Os estudantes multados saudam os colegas do Porto que estando nas mesmas circunstâncias se recusaram energeticamente a pagar as multas!

Os estudantes multados apelam para que os estudantes, fundamentalmente os do Ensino Secundário de Lisboa, apoiem desencadeando um amplo movimento de solidariedade nas suas escolas, saudando desde já os estudantes do PAV pela firme atitude que tomaram ao fazerem greve às aulas.

NÃO PAGAREMOS AS MULTAS!

A REPRESSÃO NÃO PASSARÁ!

PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO REUNIÃO E ASSOCIAÇÃO!

POR UM ENSINO AO SERVIÇO DO POVO!

A LUTA DOS ESTUDANTES

TORRE DO TOMBO



INDUSTRIAL

Na quinta feira, dia 10 de Janeiro, realizou-se no Industrial uma reunião para discutir o problema das Oficinas, cadeira em que nunca houve aulas ao longo do ano, querendo as autoridades aplicar um chumbo colectivo. Ao concentrarem-se os estudantes, na aula do professor da cadeira, este não compareceu, pelo que foi decidido convocar nova concentração para a aula seguinte. No fim da concentração, foi decidido realizar afixação colectiva de cartazes, tendo estudantes presentes abandonado a sala e percorrido os corredores aos gritos de: "VIVA A LIBERDADE DE INFORMAÇÃO", "VIVA A LIBERDADE DE REUNIR" e "ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA". Depois de percorrerem os corredores, os estudantes procederam a uma afixação colectiva de cartazes. Um contínuo que apareceu nessa altura foi imediatamente vaiado e corrido do local.

Passados alguns dias, realizou-se nova concentração na aula do mesmo professor que mais uma vez, não apareceu. Realizou-se nessa altura um Meeting, para o que foi a sala ocupada, tendo os contínuos que tentavam manter a porta aberta sido postos fora da sala. No Meeting foi decidido sair para nova afixação colectiva de cartazes e que as reivindicações dos estudantes fossem entregues colectivamente ao director, sem que ninguém se individualizasse aos olhos das autoridades. Os corredores do Instituto foram percorridos por centenas de estudantes, que além de gritarem as palavras de ordem já referidas, transportavam cartazes, tais como: "NÃO A ESCOLA QUARTEL, EXIGIMOS A PASSAGEM ADMINISTRATIVA EM OFICINAS PARA TODOS, NÃO A TENTATIVA DE DIFICULTAR AINDA MAIS AS REUNIÕES ONDE DISCUTIAMOS OS NOSSOS PROBLEMAS" etc. A secretaria foi invadida. Ao passarem frente ao Pide Silva, chefe dos contínuos que guarda de noite o Instituto com cães-po-

lícias, os estudantes valaram-no e apuraram-no, gritando "BUFO", "BUFO", "MORTE AO PIDE SILVA". Este, tal como todos os restantes contínuos, que costumam notabilizar-se por arrancar cartazes quando não está ninguém a ver ou por fazer ameaças a estudantes isolados, não se atreveram sequer a abrir a boca, à passagem dos estudantes. A manifestação pelos corredores terminou com uma concentração que afixou um grande número de cartazes, tendo sido arrancados alguns cartazes fascistas da comissão de finanças que estavam colados nas paredes.

Estas actuações dos estudantes do Industrial revestem-se de grande importância, pois, eles enfrentam condições repressivas extremamente duras, e constituem um exemplo a seguir. Ao percorrerem os corredores, gritando palavras de ordem contra a militarização da Universidade, ao apresentarem as suas reivindicações colectivamente, através de cartazes e de uma proposta entregue por centenas de pessoas, ao correrem os bufos das reuniões, os estudantes do Industrial souberam adoptar formas de luta que têm em conta a forte repressão exercida neste momento pelas autoridades, e que tornam ineficazes as medidas de repressão individuais, como o topanço dos contínuos, as suspensões as expulsões, etc..

O exemplo dos estudantes do Industrial ao lançarem acções colectivas de combate frontal à militarização da Universidade, ao organizarem-se e discutirem nas turmas a melhor forma de levá-las a cabo, permite-nos tirar ensinamentos valiosos para a nossa luta e mostra-nos que o combate firme e decidido que temos vindo a travar contra a política reaccionária do governo não é um combate isolado, antes conta com o apoio firme e activo dos estudantes das outras escolas.

ISPA

No Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) não tem havido aulas.

Foi a Direcção da escola que cancelou as aulas devido aos estudantes terem mantido um boicote ao pagamento de propinas, como resposta a 5 suspensões, baseadas em processos disciplinares instaurados no início do ano.

Dentre cerca de 600 estudantes que frequentam o ISPA, só 30 furaram a decisão de boicote às propinas.

A resposta aos furas não se fará esperar, e, na RGA realizada a 24/1, foi decidido divulgar os seus nomes e impedi-los de participar nas reuniões de estudantes ou de se servirem da aparelhagem técnica da Secção de Folhas.

AGRONOMIA

Os estudantes do 2º ano decretaram greve as aulas de Pedagogia, cujo professor se gabava de ser a cadeira mais selectiva de todo o curso.

Em resposta às ameaças de instauração de processos disciplinares a alguns estudantes que participavam nos piquetes de greve e às tentativas de furo por parte de uma fascista de nome Emília, filha de um chefe da Pide (que chegou a dizer que se soubesse teria vindo acompanhada pela polícia desde a esquadra do calvário), realizaram-se diversas concentrações na terça-feira, 29 de Janeiro.

Só com a protecção do director - polícia Pereira Coutinho, chefiando todos os bufos da escola, conseguiu a fura escapar ao justo correctivo que os estudantes lhe pretendiam aplicar.

Seguindo o exemplo das dezenas de milhares de jovens portugueses que todos os anos se recusam a participar na guerra colonial, desertaram 3 estudantes de Agronomia: São eles: Ângelo Ralha e António Gonçalves, ambos da Direcção da Associação, e um outro colega de nome Sampaio.

LICEU DE FARO

No Liceu Nacional desta cidade o professor de Física do 7º ano deu no fim do 1º período notas superiores ao "normal" (mínimo de 18).

O reitor, achando que as notas dadas por este professor eram demasiado altas, cancelou a sua saída no final do 1º período, não tendo elas ainda saído.

Os estudantes face a esta medida das autoridades fizeram concentrações em dois dias seguidos, exigindo a saída das notas.

Dois turmas do 7º ano fizeram greve, durante as concentrações, protestando contra a arbitrariedade desta medida das autoridades.

A SITUAÇÃO DAS CANTINAS

As cantinas universitárias, além dos serviços que fornecem, sempre foram locais de trabalho, de reunião e de discussão onde os estudantes têm tomado posições progressistas. Por este motivo, o governo tem impedido o seu funcionamento:

- encerrou a cantina da cidade universitária que reabriu com polícia à porta e fiscalização das entradas (só permitidas aos estudantes da universidade clássica), o tempo de permanência foi limitado às horas das refeições e os cartazes informativos são sistematicamente destruídos.

- a cantina do Técnico foi encerrada pelo Sales em Maio de 1972.

- a cantina da 28 de Maio, apesar de conhecida há bastante tempo, não foi aberta.

- no Porto, só está a funcionar uma cantina com polícia à porta e no interior e em

cada mesa só se pode sentar um estudante.

- às cantinas geridas pelos estudantes foram retirados todos os subsídios, o que põe em risco a autonomia económica das AAEE.

Neste momento só funcionam abertamente as de Agronomia e Económicas, e esta tem sido fechada diversas vezes pelo Director Proença quando para lá são convocados meetings e outras reuniões. Todos conhecemos os efeitos imediatos destas medidas: longas e demoradas "bichas" e a frequência de "tascas", necessariamente mais caras e o que é mais importante, dificuldade em manter locais de reunião, discussão e informação.

Mas, como todos os atentados à nossa liberdade de reunião e informação - OS ENCERRAMENTOS DAS CANTINAS NÃO FICARÃO IMPUNES !

TÉCNICO

nem uma das manifestações da militarização ficará de pé!

Perante a expulsão de cerca de 70 colegas, a continuação do policiamento de entrada, a constante actividade de bufanço do Sales e dos contínuos, com ordens para arrancar cartazes e proibir reuniões - em suma, perante o empenho das autoridades em transformar o Técnico numa autêntica escola-quartel - os estudantes do Técnico têm resistido, lutando firmemente.

Também a recente suspensão de mais 30 estudantes é, para as autoridades, uma medida condenada ao fracasso.

Colando cartazes dentro dos anfiteatros, organizando-se e levando a cabo concentrações onde são distribuídos comunicados, afixados cartazes em grupo, vaiados e impedidos de actuar o bufo-Sales e outros, conseguem os nossos colegas anular muitas das "proibições" do director.

Numa delas, perto de 1000 estudantes afixaram um cartaz suspenso por balões no átrio do Pavilhão Central. O chefe dos contínuos (o pido Nunes) que até há algum tempo se armava em valente, arrancando cartazes e provocando estudantes isolados, escapou por pouco de levar o tratamento que merece, sendo perseguido por dezenas de estudantes até ao gabinete do Sales, onde se trançou. E, quando poucos dias depois, se realizou uma outra concentração para afixar cartazes, o pido-Nunes só apareceu quando já não havia quase ninguém junto deles, empurrado pelo Sales, a quem alguém o ouviu dizer "Sr. Director, não me mande arrancar mais cartazes que eles no outro dia iam-me matando"...

Aproveitando-se da situação actual da escola, muitos professores procuram impor "programas mínimos", afixando matéria que virá para exame, seja dada ou não, ao mesmo tempo que intensificam o ritmo de despejo dessa matéria e, quando os estudantes se insurgem contra este estado de coisas, fazem acorrer em sua defesa o Sales, a polícia, os bufos, etc. Também as atitudes destes professores que se distinguem pelas suas posições anti-estudantis não têm passado em cla-

ro. Concentrando-se nas suas aulas, pressionando-os a acabar com os programas mínimos, controlando na prática o ritmo das aulas, os nossos colegas lutam também contra a tentativa das autoridades de impor exames baseados na matéria afixada.

Segundo a palavra de ordem "Nem uma única das medidas de militarização do Técnico ficará de pé", os estudantes prosseguem a sua luta que, desde Maio do ano passado, tem sucessivamente inutilizado muitas dessas medidas. Foi o que sucedeu com a máquina de filmar (uma das formas de bufanço controladas pelo director), destruída sob o olhar apavorado do Sales, foram as concentrações, em que se afixaram e se defenderam cartazes, as inúmeras reuniões realizadas nas turmas, etc..

Se a partir da reabertura das aulas, em Novembro, o Sales, os contínuos e alguns professores redobravam os seus esforços no sentido de vigiar constantemente os estudantes, descobrir quais dentre eles mais se destacavam, os estudantes do Técnico têm respondido, dando grande importância à organização, nas comissões de curso, à redacção e distribuição de uma imprensa regular, à programação cuidadosa das acções a empreender e à sua discussão nas turmas - levando-as a cabo colectivamente, não permitindo individualizações perante a bufaria.

As muitas dezenas de expulsões efectuadas pelas autoridades e que se destinavam a desorganizar os estudantes do Técnico, afastando alguns deles que se tinham distinguido em defesa das posições colectivas, tornaram-se rapidamente ineficazes.

Cada nova medida das autoridades não fica impune. Ao mesmo tempo que os estudantes se organizam para as combater, o seu ódio por essas medidas aumenta, o que se traduz numa cada vez maior participação nas acções levadas a cabo. As aulas e os corredores estão cobertos de inscrições como "Morte ao bufo-Sales", "Polícia fora do Técnico", "Abaixo a Militarização da Universidade".

DIREITO

Apesar de já as ter decidido em Novembro o Conselho Escolar de Direito fez sair no dia 24 de Janeiro, último dia de aulas, 11 suspensões. Foram atingidos os colegas: Alexandrino (1º ano), Ana Gomes (2º), Carlos Gago (3º), Cotrim (5º), Delfim (3º), Garcia Pereira (5º), Ezaguy (2º), Lilliana (3º), Marília (3º), Palhinha (5º), Pita (4º).

Para se preparar a resposta estudantil, realizou-se no dia 29, com fraca participação, uma RGA que decretou Greve para os 3 primeiros dias de aulas após os exames semestrais e nova RGA num desses dias. A proposta de Greve a Exames que acompanhava a convocação foi retirada, por ser evidente a sua inviabilidade.

ESTUDANTES PRESOS

Para além das dezenas de estudantes de várias escolas que permanecem em Caxias e Peniche nas mãos dos torcionários da PIDE de dois assistentes do Técnico presos em Dezembro, nos últimos dias mais 2 colegas foram presos:

- ÂNGELA, estudante do ISPA, namorada do dia 1 e imediatamente transportada para Caxias;

- MELO, de Medicina, durante o assalto e saque às instalações associativas, foi intimado pelos pides e reitor a abri-las. Contudo manteve uma posição firme e recusou-se a colaborar.

PORTO LETRAS

Apesar do Director da escola não reconhecer a AE (e, portanto, segundo ele, se não há instalações, não há Associação, não há eleições), os estudantes de Letras iniciaram no princípio de Janeiro a campanha eleitoral para a aprovação de um programa de trabalhos para o movimento associativo da sua escola.

Depois de discutidos os dois programas propostos "Por um Ensino ao Serviço do Povo" e "Por uma Associação de Todos os Estudantes", iniciaram-se as votações e, nesse mesmo dia, gorilas e polícia entraram na escola e escaqueiraram a urna de votos.

Passados alguns dias, foi novamente marcado o início das votações - para o dia 29.

Mais uma vez, os gorilas intervieram, fechando os portões da faculdade e chamando a polícia. Esta identificou cerca de 50 estudantes e permaneceu todo o dia dentro da escola, ao mesmo tempo que o director e os gorilas percorriam as salas de aulas, a biblioteca, etc., apontando todos os estudantes mais activos que conheciam.

Oito estudantes que se recusaram a ser identificados e revistados, foram levados para o Comando da Polícia e, posteriormente, soltos.

Por volta das 7,30h, a polícia abandonou finalmente a escola.

MULTAS

Depois do longo julgamento dos 90 estudantes multados por participarem num meeting sobre o festival de coros e que se recusaram a pagar as multas, foram lidas as sentenças: um estudante foi absolvido e os restantes condenados, ficando no entanto 56 com pena suspensa por dois anos, visto serem menores.

(in "A Nossa Luta", boletim dos estudantes de Medicina do Porto)



**Polícia no Técnico:
NÃO CONSEGUIRÃO FAZER PARAR A NOSSA LUTA!**

REPORTAGEM

"Revolvendo ainda os montes de detritos das 70 barracas, que ocupavam um espaço onde nem cabem 2 "prédios de rendimento", essas famílias, parcela da gente de "dêbeis recursos" que enxameia a zona, alternava entre a resignação, a certeza de que o fogo é calamidade inevitável(...), e as lágrimas de uma dor sem aparente revolta."

(da "República" de 2/12/73)



Passada uma semana, depois de termos ido a Moscavide, ao local onde arderam as barracas, deslocámo-nos à Costa da Caparica. A maioria das famílias desalojadas tinha sido aí instalada num pavilhão do parque de férias da FNAT. Provisoriamente.

À hora a que chegámos conseguimos falar com a maioria dos desalojados pois que já tinham regressado das escolas e do trabalho

Estavam a jantar. Esperámos. À saída do refeitório dirigimo-nos ao grupo (cerca de 40 pessoas).

Dissémos ao que íamos: tínhamos sabido do incêndio e gostaríamos de saber como de facto se tinha passado.

Todos queriam falar à uma. Muitos repetiam-se.

como foi o incêndio

- Fez ontem oito dias, deviam ser umas 7 da noite. Foi em casa da minha cunhada. Ela estava a acender o petromax em cima da mesa quando ele caiu e pegou logo fogo. Ela ainda tentou apagar mas não conseguiu. Só teve tempo de sair de casa.

- Se eles (os bombeiros) calha virem mais cedo já não chegava à minha barraca.

- Estava a pôr o jantar para o meu marido. Ouvi gritar e fui ver. Já se via o fogo ao longe. O meu marido foi pôr o meu filho na mercearia e quando voltou a nossa casa já estava a arder. A nossa roupa ardeu toda. Eu até fugi descalça.

na televisão só mostram o que lhes convém...

- Depois fomos para a cave da igreja; depois fomos comer ao centro. Na televisão até me mostraram a dar comer ao meu filho.

- Eles na televisão só mostram o que lhes convém, quando estão a fazer bem.

- Quando chegámos à cave da igreja todos molhadinhos - com os nossos filhos - não nos deram roupa,

- No outro dia, domingo à tarde, trouxeram-nos aqui para a Costa. Unas senhoras é que tomaram as decisões.

- Alguns ficaram lá, na maior miséria, em barracas da família. Não quiseram vir porque é muito longe.

um indivíduo sozinho não faz nada; se formos todos, fazemos.

- Agora os que lá estão já não conseguem vir para cá. Um indivíduo sozinho não faz nada; se formos todos fazemos. Se viessemos todos já era outra coisa...

- Quando nos mandaram para cá, prometeram-nos educadoras para as crianças e as mulheres trabalhavam. Isso é que os do Centro Social de Sacavém não vêem. Eles dizem que não têm obrigação, não é da competência. Nós já perguntámos a quem nos devíamos dirigir e fomos lá todos. Mas eles não nos responderam

- Muitas mulheres lá trabalhavam: umas a dias, outras nas fábricas e outras vendedoras. Eu agora, se fosse trabalhar, não ganhava para a ama

- Todos trabalhamos em Moscavide quer dizer, uns em Moscavide e outros nos arredores. A maior parte vai na camioneta da casa pia. Desde o momento que vão e venham àquela hora, os transportes não são pagos.

- Há apenas uma carrinha que nos leva e traz, mas temos que nos levantar às 6 horas. Não posso vir todos os dias para cá porque trabalho até horas diferentes... dummo lá na ma casa no chão.

- O meu irmão trabalha por turnos. Para a semana não sei como há-de ser; vai trabalhar até à meia-noite.

os miúdos: uma sopa e um pão com qualquer coisa

- Quase todos temos filhos. Uns 50.

- Eu tenho sete.

- Os miúdos continuam a ir à escola a Moscavide. Levantam às 6 horas e vão na camioneta. Hoje não houve camioneta, não foram. O pior é os miúdos que vão para a escola e não dormem o suficiente - dormem 6 a 6 horas e meia por noite - e ficam lá uma hora ao frio.

Um miúdo diz-nos como almoça na escola:

- A professora costuma dar-nos senhas para comermos uma sopa e um pão com qualquer coisa.

ao fim e ao cabo ainda pensam que estamos aqui por favor!

- Eu tenho 11 filhos, todos nascidos na nossa barraca, e já me morreram 3.

Mas não existem maternidades?

- Oh!... mas isso é preciso marcar com muito tempo antes e nós não podemos perder esse tempo todo.

- Estive doente e tive de ir com ao médico a Moscavide. Aqui não há enfermeiras, nem há assistência médica nenhuma. Ao fim e ao cabo eles ainda pensam que estamos aqui por favor!

- Veio connosco um tuberculoso e estava no meio de nós com os pequenos; se nós não nos mexêssemos nem sequer o internavam.

- Não tenho desconto na Caixa, o meu patrão traz-me sem Caixa. Se fosse eu e a mulher, mas tenho a velha que está doente e se não está melhor lá vem o médico. Se tenho 100 escudos gasto-os com ela e se não é com ela é com a filha e se não é com a filha é comigo. Se não se tem 50 ou 100 escuditos para dar ao médico, morre-se aqui.

Já em Moscavide uma de nós, estagiária de Medicina, tinha observado que esta velha tal como a maioria das crianças sofria de diarreia crónica, em parte resultante das condições sanitárias do bairro, que aliás são ideais para a proliferação da cólera.

- Lá em Moscavide os canos de esgoto são estreitos e entopem-se. Quando iam (os da Câmara) desentupir os canos ainda nos chamam porcos. O subdelegado de saúde só serve para os ricos.

estou cheio...

- Estão-nos a fazer um inquérito sobre vencimentos e famílias. Já nos avisaram que vamos passar a pagar o comer. Temos comido grátis até agora. O comer está sempre frio. Ainda não sabemos quanto vamos pagar. São capazes de pôr um preço na comida que nós não possamos pagar. Talvez não autorizem que façamos a comida no quarto.

- Eles dizem que a situação é provisória, mas isto a gente não sabe. A última informação que nos deram, na segunda-feira, foi que entraram em contacto com o gabinete técnico de habitação. Isto nunca mais é sabido. Lamentam muito mas não fazem nada.

- Já nos mudaram uma vez. Estávamos num pavilhão mais perto da rua e as camas eram melhores que aqui.

- Se querem, vão com a minha mulher que ela mostra-lhes como são aqui as camas e os quartos.

- Diziam que vinham outros mais civilizados e mudaram-nos. Não sei quem são os outros, Deve ser uma excursão.

- Olhe lá, então quem precisa mais: se nós que ficamos sem nada ou os que vêm de outros países, a gozar?

- Já nos disseram que isto é provisório. Que vão alojar primeiro os da Costa do que os que ficaram com as famílias em Moscavide, porque precisam disto para o turismo.

- Na terça-feira disseram para resolvermos a nossa situação, que não vamos ficar aqui toda a vida. Se calhar querem levar-nos daqui para os toldos outra vez, como os outros que também lhes arderam as barracas e estão lá desde o Carnaval. (1)

nós trabalhamos, temos direito a mais!

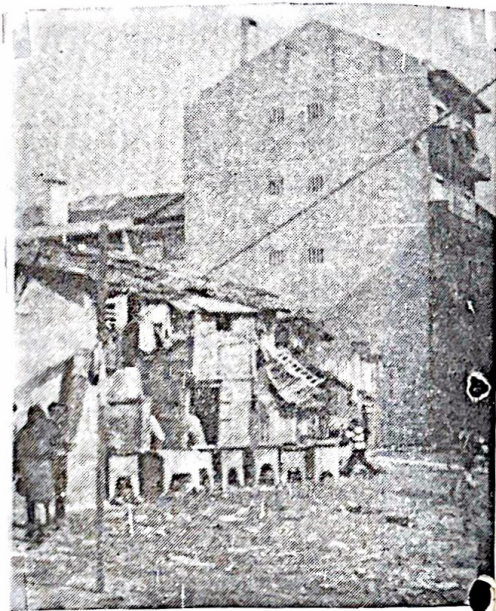
- Fartei-me de pedir, deram-me uma casa da Caixa Geral de Aposentados, para 6 filhos, 3 divisões. Era um quarto para mim e outro para os meus filhos e a sala de comer - chamam-lhe assim mas é a cozinha. Não fui para lá porque era pior que a minha barraca.

- Na fábrica souberam do caso mas nada fizeram, disseram que não tinham casas para dar. Eu não lhes falei porque eles souberam disto e se quisessem já tinham feito qualquer coisa. Tenho de lá estar uma hora à espera por causa dos horários.

- Eu com 3 contos não podia ter uma casa, com a mulher doente e 3 filhos. E isto é com o aumento que tivemos lá na TAP, depois da greve. Ninguém gosta de viver em barracas. Quem nos dera uma casinha.

- Eu sou carregador. Ganho 2.850 escudos; olhe, está aqui, veja a minha folha. Po de tirar o nome que eu não tenho medo. A verdade é a verdade. Ganho 2850\$00, imposto profissional 28\$00, fundo de desemprego 42\$80. Eu não gosto de viver nas barracas. Se eu ganhasse bem já tinha arranjado uma casa. Devíamos estar bem porque trabalhamos. A mim descontam-me muito, mas não vejo nada.

- Se nós ganhássemos 10 ou 12 contos, já tínhamos casa. Ganho pouco e trabalho muito. Nós trabalhamos, temos direito a mais. Podia nos pagar 200 ou 300 escudos de renda. Só que rem é passear de avião ou de barco...



Fomos a Moscavide e encontramos o "chão liso" onde antes viviam 30 famílias, em barracas. Fomos à Costa da Caparica e falámos com os trabalhadores e suas famílias desalojadas

Em bloco, as pessoas prontificaram-se a conversar demoradamente connosco. E, como se vê, só não encontramos foi a opinião de que o fogo é calamidade inevitável nem (e muito menos ainda) a resignação de que falavam os jornais.

Reportagem realizada por um grupo de estudantes de Ciências, Técnico e Medicina.

(1) Referiam-se a um incêndio que houve em Fevereiro, no mesmo bairro.



As forças repressivas ocupam a Marinha Grande

O POVO DA MARINHA GRANDE RECORDA O 18 DE JANEIRO DE 1934

Fez no dia 18 de Janeiro 40 anos que o povo da Marinha Grande desencadeou uma insurreição armada, libertou durante largas horas a vila das mãos da polícia e das autoridades salazaristas.

Por volta da 1 da manhã do dia 18 de Janeiro de 1934 operários de armas na mão, obrigaram os guardas a render-se e a saírem do porto, os correios foram tomados, a linha férrea cortada, as estradas cobertas de obstáculos. O tiroteio despertou as pessoas e acorreram à vila trabalhadores, homens, mulheres e jovens entusiasticamente dispostos a apoiar o movimento. No centro da vila, praça Stephens, foi hasteada uma bandeira vermelha. Mas, como o movimento insurrecional não foi seguido no resto do país a repressão pode dominar o levantamento operário da Marinha Grande.

Este dia ficou na memória dos trabalhadores.

A 18 de Janeiro deste ano, logo de madrugada, na vila foram ouvidos foguetes.

Nalgumas fábricas, os trabalhadores ludibriando o controle dos chefes e em pequenos grupos comentaram o significado da insurreição. Nas conversas, era exaltado o comportamento do povo em 1934 e muitas vezes apontado o exemplo de familiares ou conhecidos (alguns deles então ferozmente reprimidos).



OS ESTUDANTES PROGRESSISTAS TÊM OS SEUS OLHOS POSTOS NA LUTA DO POVO PORTUGUÊS E DOS POVOS DAS COLÔNIAS. AÍ VÃO BUSCAR A FORÇA E A CORAGEM NECESSÁRIAS PARA PROSSEGUIR NA SUA LUTA PROGRESSISTA. O TERRORISMO DO GOVERNO ASSASSINO NÃO CONSEGUIRÁ OS SEUS INTENTOS, APENAS FARÁ AUMENTAR O NOSSO ÓDIO AOS PARASITAS CAPITALISTAS E SEUS REPRESENTANTES.

do Comunicado "AO POVO DE PORTUGAL" aprovado no Comício de estudantes realizado no dia 20 de Outubro de 1973

COMETNA

Durante o mês de Dezembro de 73 a Administração tinha ficado de dar uma resposta sobre os aumentos. Como isso não se verificasse, dia 2 de Janeiro da parte da tarde houve uma paralização de trabalho, tendo os operários reivindicado 1500\$00 de aumento mínimo. Ao fim da tarde a resposta dos patrões era de 100\$00, o que foi aceite pelos operários, tendo o trabalho recommençado no dia seguinte.

Dia 15, perto da saída, são distribuídas as folhas de salários, verificando-se que havia aumentos entre 700\$00 e 1400\$00.

Face a isto, os operários entraram novamente em greve dia 16 ao meio-dia. À tarde, de pois de prometer o aumento mínimo de 1000\$00 "justificou-se" o patronato dizendo que aqueles que tinham menor aumento se podiam ir embora quando quisessem, pois não faziam falta à empresa.

O ordenado mínimo é neste momento de 4200\$00.

(do "Binómio" - jornal dos estudantes do Técnico)

ESPAÑA

A ditadura assassina de Franco não consegue deter o avanço da luta do Povo Espanhol.

No país basco, milhares de trabalhadores encontram-se em greve, e em Madrid ... 29.000 operários da Standart Eléctrica es-oanhola foram lançados no desemprego por ordem do governo.

No dia 29 de Janeiro, no seguimento de uma greve com ocupação da fábrica, a polícia invadiu e evacuou as instalações da Standart.

Em busca de maiores lucros o capital americano instala-se na Península, onde submete os trabalhadores a salários de miséria e a péssimas condições de trabalho.

Contudo, tal como em Portugal, onde ainda há pouco também houve greve na Standart, é cada vez maior o ódio dos trabalhadores a tal exploração e a repressão que sobre eles se abate não faz senão aumentar o seu ódio ao governo que os vende aos capitalistas americanos.

ALUMINIA

Porto

Os operários mantiveram-se em greve durante quatro dias exigindo melhoria nas condições de trabalho e pagamento do subsídio de Natal. Os patrões acederam a todas as reivindicações.

MONTAGEM DE AUTOMÓVEIS

- BARREIROS

Os operários desta fábrica, há vários meses em luta por aumentos salariais, iniciaram um processo de cera, chegando a reduzir a produção de 34 carros para 5 ou 6 por dia. O director da fábrica (que tem maioria de capitais americanos) ameaçou fechar a fábrica e despedir todos os operários. Apesar disso a luta tem continuado.

SOREFAME

Os trabalhadores da Sorefame estiveram em greve em meados de Janeiro.

A luta, por aumento de salários, iniciou-se no dia 16 à tarde com uma concentração de grande número de operários num local em que eram vistos pelos restantes operários e pelos empregados de escritório. Com a palavra de ordem "greve pelo aumento de mil e quinhentos escudos para todos e ordenado mínimo de seis mil escudos", a fábrica paralizou completamente ainda no dia 16 e manteve-se em greve até dia 18 ao fim da tarde, altura em que os operários voltaram a trabalhar.

lhar, embora a Administração só tenha dado aumentos entre 700\$00 e 1000\$00.

Durante o período de greve geraram-se dentro da fábrica conflitos entre pides que aconselhavam voltar ao trabalho e trabalhadores - a Administração, temendo confrontos violentos que resultariam na expulsão dos pides à cacetada e no crescimento da luta e unidade dos trabalhadores, acabou por dar ordem para os pides serem recolhidos em carros e guardados até nova ordem.

Nos meios operários é conhecida a combatividade dos metalúrgicos da Sorefame.

No dia 17 um fura que tentava voltar ao trabalho recebeu o devido correctivo. Neste mesmo dia (na quinta-feira) a administração pede uma Comissão que é formada contra a vontade de alguns operários... mas após a "conversa" com os patrões, a "Comissão" aconselha a voltar ao trabalho. Perante a traição da Comissão os trabalhadores não se deixaram "enrolar" e diziam entre eles "isto de comissões não dá nada! Quando quiserem falar, falam com nós todos!"

MARINHA GRANDE

À cerca de 15 dias os operários da secção de lapidação da fábrica de vidro M. Pereira Roldão estiveram em greve, pela melhoria das condições de trabalho. Como na maioria das fábricas também nesta (que tem cerca de 2000 trabalhadores) as condições de trabalho são extremamente precárias, pondo em risco a saúde de quem trabalha.

Por exemplo, quando procedem à lapidação do vidro têm de meter as mãos em água gelada que provoca má circulação nos dedos. Por isso, os operários exigem água morna para este tipo de trabalho.

Os operários em greve foram chamados à administração da fábrica e, segundo se sabe, a esperá-los não estava nenhum dos patrões mas um agente da D.G.S. e um funcionário do Instituto do Trabalho. Depois de comunicar a sua decisão, os grevistas saíram do gabinete e foram informar todos os outros maradas de trabalho da sua situação.

A greve generalizou-se a toda a fábrica.

Alguns bufos que apareceram lá a passear-se ameaçaram os operários com a entrada da G.N.R., o que não chegou a concretizar-se.

O patronato despediu 2 operários da secção de lapidação e castigou com 12 dias de suspensão mais 20 operários (alguns da secção de fornos que se tinham solidarizado aqueles).

No entanto, os operários conseguiram ver satisfeitas as reivindicações exigidas. Nos dias seguintes, gerou-se um movimento de solidariedade com os atingidos e os trabalhadores, ultrapassando o Sindicato, organizaram eles mesmos uma colecta (naquela fábrica e noutras da vila) que possibilitou o pagamento das suas jornas diárias.

LISNAVE

Sábado, 2 de Fevereiro, caiu dum andaime e morreu um operário dos estaleiros. O acidente ruiu, tendo ficado sobre o cadáver do operário umas vinte tábuas.

É o segundo operário morto este ano na Lisnave devido às péssimas condições de segurança no trabalho. O outro, morreu trucidado em Janeiro.

As condições de trabalho são más, os salários são baixos.

Desde o início da segunda semana de Janeiro, (altura em que a Administração fez publicar a lista das reduzidíssimas promoções, com média de 200\$00 de aumento) que os operários de algumas secções vitais da Lisnave (caldeiraria, construções metálicas) estão em greve de zelo.

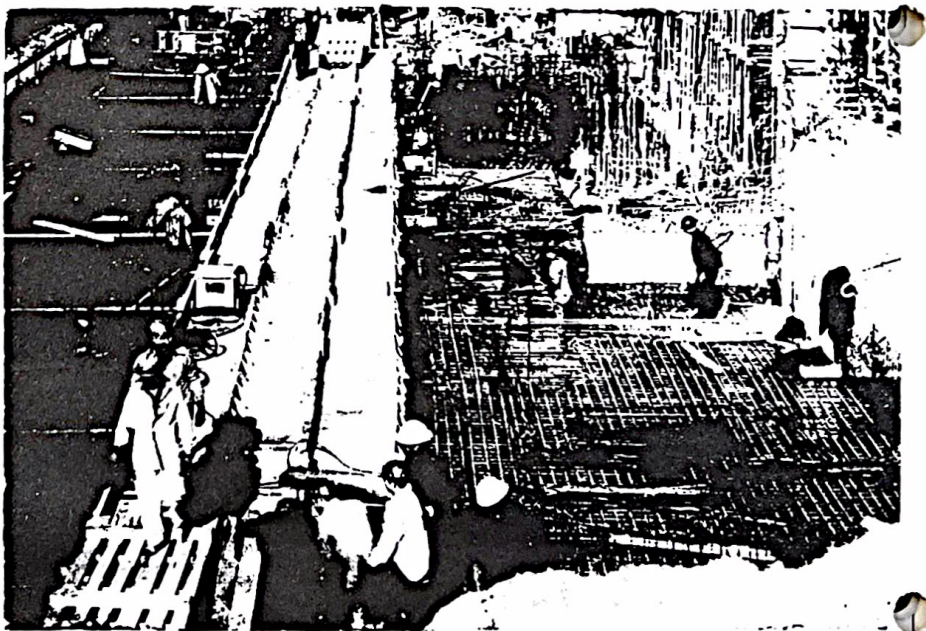
No dia 11, por volta das 23 horas, os operários de Mecânica ligeira e pesada, e o armazém geral foram completamente evacuados para que 4 bufos pudessem "farejar" uma possível bomba cuja notícia de localização tinha sido recebida por telefone, mas que nunca foi encontrada.

No dia 15 foram presos dois operários (não se sabe se foi fora ou dentro dos estaleiros) e apareceram dois níveis. Ao mesmo tempo, os delegados dos patrões - chefes, engenheiros, agentes técnicos, etc. - têm-se empenhado em fazer esmorecer os operários, intimidando-os. Mas a greve de zelo tem-se mantido.

NAZARÉ

Os pescadores de Nazaré têm de tomar diariamente uma camioneta que os leva do porto de abrigo de SPMartinho do Porto (onde as traineiras atracam) até a Nazaré, onde vivem. Essas camionetas são alugadas pelas empresas de conservas com as quais as traineiras têm contrato. Os preços mensais desse transporte eram de 250\$00 e foram aumentados para 400\$00. Os pescadores deram um prazo, até 3 de Dezembro, para que a Administração desse uma resposta. Ao fim de uma semana de greve as tarifas foram reduzidas e os pescadores voltaram ao trabalho.

(informações retiradas do boletim "Denúncias" da C.L.C.R. de Letras)



DESPEDIMENTOS

INSULANA

- A Empresa Insulana de Navegação efectuou um despedimento colectivo de 27 trabalhadores. Segundo o Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra, o despedimento é consequência da reorganização da Empresa Insulana de Navegação (está neste momento numa fase adiantada o processo de fusão desta empresa com a Companhia Colonial de Navegação).

SETUBAL

- Uma empresa de lotaria e litografia de Setúbal - "Sociedade Industrial Setubalense Lda." - tornou pública a necessidade de despedir todo o seu pessoal, num total de 124 trabalhadores. Este despedimento colectivo deve-se, segundo informação da própria sociedade, a projectada fusão com empresas congéneres.

BANCÁRIOS

- No sindicato dos bancários de Lisboa foi despedido sem justa causa o chefe do contentoso daquele sindicato, Jorge de Aguiar. As acusações do democrático sindicato foram várias e caluniosas (chegando ao ponto de o acusarem de desfalque, cuja inexistência foi facilmente provada). Segundo a Direcção, Aguiar é despedido por: 1 - "pouca eficiência e indisciplina e atitudes de boicote"; 2 - "deficiente formação ideológica"; 3 - "actuação pessoal junto dos empregados do sindicato", mantendo uma permanente "campanha de desprestígio da Direcção"; 4 - "trabalho de sapa". Acrescenta que "é nossa orientação fundamental não dar a conhecer às forças hostis as divergências de opinião sobre assuntos de gerência interna" o que se traduz na expulsão de um funcionário que tomara parte activa na formulação das reivindicações dos trabalhadores do sindicato e que a Direcção como qualquer patrão capitalista, aponta por demasiado incómodo, pretendendo não dar disso contas a ninguém.

MEDICINA ASSALTADA PELA POLÍCIA (Continuação)

Como é evidente, explosivos é coisa que a polícia e os seus acompanhantes já sabem não ir encontrar. O que eles realmente queriam e conseguiram encontrar foram: os piógrafos e máquinas de escrever que roubaram e os Off-sets e aparelhagem sonora que danificaram. Finalmente, "coroando" a obra, encerraram a Associação, selam a porta da Sala de Alunos e levam preso um colega nosso (o Melo) que se tinha recusado firmemente a abrir as portas das salas técnicas.

a resposta dos estudantes

Na 2ª feira, a partir das 8,30h da manhã, houve uma recusa colectiva a ir às aulas e cada vez um maior número de piquetes de informação que, além de relatarem o que se tinha passado, convocavam uma RGA para

as 11 horas, onde se discutiriam e decidiam as medidas a tomar face ao saque e encerramento da Associação.

Por volta das 11 horas cerca de 600 estudantes concentraram-se junto à Sala de Alunos e, apesar dos dirigentes reformistas, terem defendido o contrário, a esmagadora maioria decidiu tirar os selos e arrombar a porta. A RGA realizou-se dentro da sala dos estudantes!

No fim, a RGA deslocou-se em concentração ao director Cândido que estava em Reunião de Conselho Escolar; após uns minutos de espera e discussão acalorada no corredor foi sugerido que, caso o director não aparecesse dentro de 5 minutos, a concentração dava mais um bocadinho... e irromperia pelo C.E.. Quatro minutos depois o director apareceu!

Um dirigente reformista começou logo a ler as propostas aprovadas pelos estudantes após a invasão nazi da sala de Alunos, terminando com um aparte - pediu desculpa ao director por as propostas "talvez não estarem em termos muito correctos". Ao aparte do "orador", os estudantes responderam com apupos e vaia e não com desculpas...

O Cândido tentou "safar-se" com a versão já referida atrás. Reconheceu ter tido conhecimento (e até figurar numa acta do C.E.) da colocação das portas na Sala de Alunos, para tentar obstar aos constantes saltos nocturnos (pela Pide) de que a aparelhagem era vítima. E acabou por dizer que se tinha demitido porque já não tinha a con-

fiança dos estudantes. Foi novamente desmascarado e apupado. Quando lhe perguntaram se ele ia mandar para os jornais uma nota a desmentir publicamente as mentiras publicadas nos jornais (informando das razões da sua demissão) e se o C.E. se ia demitir colectivamente, ele respondeu que não "podia fazer isso..." - senão perdia o "tacho".

3ª feira, a greve manteve-se com um grande número de estudantes a participar nos piquetes, empenhando-se verdadeiramente na luta, NÃO CRUZANDO OS BRAÇOS.

PELA RECUPERAÇÃO DO APARELHO TÉCNICO ASSOCIATIVO

CONTRA A MILITARIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

José lamego vai ser «julgado» pelos assassinos de ribeiro santos

Vai ser "julgado", dentro de dias, nos tribunais fascistas, o estudante José Lamego. Ferido a tiro no Meeting de 12 de Outubro de 1972 e depois preso, manteve um comportamento firme durante os 3 meses que permaneceu nas masmorras da Pide.

Segundo notícia publicada no Diário de Lisboa, este estudante é acusado de "ofensas à DGS" e "resistência à autoridade" por nesse meeting ter afirmado que a Pide tortura estudantes diariamente e ter agredido os assassinos de Ribeiro Santos.

Para os tribunais dos donos das fábricas e dos campos, os agressores são os agredidos e a verdade é uma ofensa.

O Povo, e não qualquer juiz corrupto, julgará um dia os verdadeiros criminosos.

Students jeer at Portuguese education chief

From Our Correspondent
Bath, Jan 24

Dr Jose da Veiga Simao, the Portuguese Minister of Education, ran the gauntlet of jeering, banner-waving students at the end of a visit to Bath today.

The minister and his party were whisked away in three cars after talks with Bath university officials including Dr Leonard Rotherham, the vice-chancellor, at the Northgate House adult education centre.

Earlier, students had sealed university buildings on the campus at Calverton to prevent the minister from making an official visit.

At the end of the visit to Northgate House both sides were claiming victory.

The students were protesting at Portugal's policy in her three African colonies and alleged suppression and imprisonment of students in Portugal.

VEIGA SIMÃO EM INGLATERRA

Registaram-se importantes manifestações de estudantes durante a recente visita do Ministro Veiga Simão a várias Universidades inglesas.

Os estudantes impunham cartazes protestando contra a presente vaga de expulsões de estudantes das Universidades Portuguesas.

Denunciavam ainda as prisões e torturas de estudantes em Portugal e a continuação da guerra colonial.

Numa das Universidades que o Ministro pretendia visitar, os estudantes encerraram os edifícios universitários não permitindo assim a entrada de Veiga Simão e sua comitiva que retrocedendo, abandonaram rapidamente o local de automóvel, perante as manifestações dos estudantes.

EDITORIAL

CONTINUAÇÃO

Cada vez mais, os estudantes compreendem que os conselhos escolares (onde pululam as eminências-pardas do governo, os Presidentes de Administração dos bancos, das grandes empresas) que expulsão estudantes, a polícia que proíbe os Plenários, ocupa as escolas, a PIDE que tortura estudantes, em Caxias, e mata a tiro Ribeiro dos Santos, o fazem pela mesma razão que trabalhadores conscientes são despedidos, que muitos operários, camponeses e outros combatentes do Povo são presos e torturados, que a polícia de choque dispara sobre os operários da TAP, que a aviação colonialista bombardeia as escolas e hospitais das zonas da Guiné onde o Exército português já não mete o bedelho.

Cada vez mais os estudantes compreendem que o governo que tenta impedir a discussão dos nossos problemas e que "castiga" as nossas lutas é o mesmo governo que nos quer fazer marrar todas as aldrabices dos professores seus servidores, para que sejamos no futuro, nas fábricas, nas Caisas de Previdência, nos campos, no ensino, nos tribunais, esforçados aplicadores e divulgadores da vigente política "venha a nós (os burgueses, os patrões, os ricos) e porrada neles (nos operários, nos trabalhadores, no Povo nos explorados)", para que

sejamos a curto prazo nas colónias, assassinos e condutores de assassinos, embalados pelas baboseiras da "defesa da Pátria, da Civilização Cristã, do Mundo Livre e etc".

...RESPONDE O GOVERNO COM A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS

O governo, que teme o avanço das lutas dos estudantes, e que vê o papel importante das nossas organizações sindicais (as Associações de Estudantes), da nossa livre informação, e dos direitos de reunião e de discussão que em muitas escolas impusemos pela luta vem ultimamente a aplicar um plano sistemático de militarização das escolas.

Agora ele já não reprime com mão dura como por exemplo na década passada esta ou aquela luta mais avançada, mais "incómoda", normalmente exterior à escola; agora o governo tenta suprimir radicalmente a nossa organização autónoma, a nossa informação, a possibilidade de reunirmos; em suma, transformando as Escolas em Quartéis, pretende o governo destruir pela base a nossa possibilidade de conduzir quaisquer lutas, pre-

tende reduzir literalmente ao silêncio os estudantes portugueses.

IMPOR A NOSSA LIVRE INFORMAÇÃO É UM PASSO PARA QUEBRAR O ISOLAMENTO DOS ESTUDANTES, PARA COMBATER A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS

A resposta dos estudantes à militarização das escolas traduz-se por uma luta dura, no dia-a-dia que o governo enfrenta neste momento, em Ciências no Técnico, nos Liceus, no Industrial, em Económicas, em Direito, em Medicina e Letras do Porto, etc

O governo tem visto que os estudantes, face à polícia nas escolas, às expulsões e suspensões, não estão a cruzar os braços, não estão a desistir da sua luta progressista

continua na pág. 10

EDITORIAL

CONTINUAÇÃO

E nessa luta em que o movimento dos estudantes se está a fortalecer, assume um papel importantíssimo, o garantir, difundir e reforçar a nossa livre informação.

Informar das lutas dos cursos, das escolas, das academias, relatar as lutas exteriores à Universidade, dos estudantes, dos trabalhadores, no nosso país e no estrangeiro contribui para que cada estudante ganhe consciência de que não luta sozinho da importância desse combate para uma luta global e assim cada vez mais se consolide a consciência progressista de cada um de nós e se caminhe para a unificação da luta dos estudantes portugueses.

Conscientes da importância da informação autónoma dos estudantes, e das deficiências (e graves consequências) enormes que nesse campo vêm existindo, os colaboradores da A.E.F.C.L. decidiram abrir as páginas da "Informação Associativa" ao "Serviço de Notícias Estudantis (S.N.E)", cuja actividade subordinada ao Programa de trabalho aprovado pelos estudantes de Ciências, será virada para o combate contra o isolamento dos estudantes por escolas e em relação à população.

Claro que o que nos interessa é uma imprensa que informe verdadeiramente o que fazem os estudantes, os trabalhadores, o que se passa em Portugal e no mundo.

Há "pessoas" que por pretenderem manter em limites convenientes (para si) a luta dos estudantes, deturpam as informações

daqueles factos e aspectos mais avançados, não falam deles.

Em Outubro de 1972, aquando do assassinato de Ribeiro dos Santos, os dirigentes do Porto, adeptos da "Reforma Geral e Democrática" do Ensino, não divulgaram um comunicado à população, silenciaram a moção aprovada. Quando a luta dos estudantes dava passos em frente eles, reformistas sabotadores, impediam que os nossos colegas do Porto tosessem informados de tudo o que se passava.

Outros vêem as coisas por lentes de aumento, confundem a realidade com os seus sonhos. O seu "progressismo" leva-os a multiplicar por dez o número dos presentes em R.G.A.s, em manifestações, etc. Quem ilude os estudantes sobre as fraquezas existentes, está a impedir que se ganhe consciência do que há a fazer, está afinal a demitir-se das tarefas que construirão uma futura realidade gloriosa, contentando-se com "gloriosos" sonhos e aldrabices.

Esses aventureiros, ousados "de língua" na provocação e peritos na multiplicação, já não recebem dos estudantes crédito para aquilo que dizem. O que não podemos permitir e que esse descrédito alastre à imprensa dos estudantes em geral. E que melhor podemos fazer nesse sentido do que garantir que os estudantes possam encontrar na "Informação Associativa" notícias exactas, que apontam os problemas, as fraquezas e os avanços das lutas que relatamos e que não se limite, como esse e outros aventureiros usam, a deslizar algumas linhas de paleo poético estilo "os estudantes a enfrentarem a raiva da burguesia e a transformarem-na em sangue" ou "os estudantes são reprimidos porque amam o novo e não o velho", estilo "os estudantes do Técnico avançam no

combate, obtendo estupendas vitórias sobre a burguesia colonial fascista".

Em Outubro de 72, alguns desses aventureiros no Porto "torciam" também a luta dos estudantes de Lisboa: esses sabotadores da luta sindical dos estudantes nas Associações, ao informar das potentes manifestações de rua, pela vingança de Ribeiro dos Santos, concluíam que os estudantes de Lisboa "tinham ultrapassado e rejeitado as Associações reaccionárias com que o Governo os quer entreter". Esses exemplos do Porto, encontramos também na nossa roda.

Temos que cortar radicalmente com a acção vigarista, mentirosa de "alguns" só contribui para rebaixar a imprensa estudantil ao nível das aldrabices do Diário de Notícias só contribui para a desprestigiar aos olhos dos estudantes.

Estamos certos de que a "INFORMAÇÃO ASSOCIATIVA" irá dar um valioso contributo para que isso seja feito.

Mas para que consigamos de facto fazer-lo é necessário que o boletim seja amplamente discutido, que nos cheguem críticas, informações e ideias.

IMPONHAMOS A NOSSA LIVRE INFORMAÇÃO!

POR UMA INFORMAÇÃO VERDADEIRA!

DIVULGUEMOS A INFORMAÇÃO ASSOCIATIVA!

CRISE DO PETRÓLEO?

CONTINUAÇÃO
da pag 11

Assim, após 20 a 30 anos em que a riqueza dos burgueses foi conseguida à custa do empobrecimento dos povos colonizados e da exploração dos trabalhadores, trata-se agora de alterar as bases dessa riqueza, não por forma a "racionalizar" e a "humanizar" esta sociedade (como alguns gostariam de acreditar), mas sim para continuar a acumular a sua riqueza sobre os ombros dos trabalhadores.

Quem pagará a reconversão do capitalismo e o aumento dos lucros dos burgueses? Serão os trabalhadores emigrados, em França, na Alemanha, na Inglaterra, que serão despidos em primeiro lugar e que voltarão aos seus países, serão os trabalhadores destes países, lançados no desemprego ou a receber meia-semana de salário, serão enfim os povos dominados que verão parte das suas matérias-primas recusadas e os produtos industriais e alimentos de que necessitam encarecidos.

Isso é necessário, para que as companhias petrolíferas aumentem os lucros, para que os trusts acumulem mais riquezas, para se encontrarem no fim da crise que provocaram, de posse das novas fontes de energia (urânio, carvão, xistos betuminosos, petróleo de offshore, etc...) em condições de alargar a exploração a todo o mundo.

Mas atenção: Que ninguém suspeite das razões da crise e dos seus objectivos. Para isso se mobilizam os arautos dos monopólios, que apregoam em títulos de caixa alta os aumentos (em parte ilusórios) do preço do petróleo na origem e publicam, no canto das páginas interiores a notícia de que os lucros do petróleo nunca foram tão elevados, para que difundam a greve dos mineiros ingleses como causa da crise e escamoteiem o facto de que as companhias inglesas estão a vender o petróleo a outros países para realizar lucros mais altos.

No entanto, os países árabes e outros países explorados, há muito que perceberam que a sua pobreza assenta no controle dos capitalistas sobre as fontes de matérias-primas nos seus países, na fixação por eles de preços extremamente baixos para essas matérias-primas e de preços altos para os produtos necessários ao seu crescimento económico. Por isso, eles têm-se organizado em conferências de produtores; têm imposto aos imperialistas o pagamento de preços que correspondem ao valor das matérias-primas, têm imposto medidas de racionalização da extração das mesmas, têm nacionalizado a sua extração, têm conseguido contratos de fornecimento a longo prazo de máquinas industriais e outros produtos em troca de petróleo, por forma a manterem os preços desses produtos em relação ao mesmo (assim, um automóvel que é trocado em 1974 por 1000 barris de petróleo, continuará a ser trocado pela mesma quantidade em 1980, ao contrário do que tem vindo a acontecer, pois o valor dos produtos industriais tem vindo sucessivamente a aumentar em relação às matérias-primas).

Também os trabalhadores dos países capitalistas compreenderam que têm que se encontrar em viver entalados em cubículos (a que se dá o nome de habitações económicas) e bairros de lata, a deslocar-se 10, 20 e por vezes mais Km para o emprego em transportes

colectivos lentos e desconfortáveis, a alimentar-se de produtos de 3ª categoria para que alguns tenham boas casas, vários carros e comam nos melhores restaurantes. Eles compreenderam que a inflação dos últimos anos não é devida aos "substanciais aumentos" dos seus magros salários e têm lutado permanentemente, para impedir que a inflação reduza ainda mais a quantidade de bens que podem comprar com o seu salário.

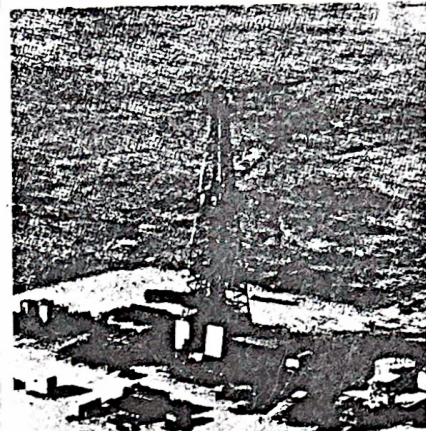
Por isso, os fascistas franceses, os sinam trabalhadores emigrados em França, abaixo da indiferença sorridente da polícia; Heath (chefe do governo e do Partido Conservador Inglês) põe o exército e a polícia em pé de guerra para, conforme diz, "prevenir tentados contra civis"; Wilson (chefe do Partido Trabalhista (?) Inglês), mais sensível ao seu tacho no Parlamento do que à exploração de que os trabalhadores são vítimas, multiplica as declarações de que... "a greve dos mineiros prejudica a Inglaterra"... "e... "por detrás dos mineiros estão os conhecidos agitadores subversivos"...; as ITTs, as Gulf Oils e outras, subsidiam golpes de estado fascistas; os "Marines" americanos ameaçam intervenções armadas no Médio Oriente.

(1) - Isto acontece porque os capitalistas para obterem mais e mais lucros têm de produzir cada vez mais. Se, por exemplo, produzissem boas garrafas de vidro, a partir do momento em que houvesse as garrafas suficientes só poderiam substituir as que se partiam e cobrir o aumento de consumo, como produzem garrafas de plástico, que só são usadas uma vez, podem ter as fábricas sempre a produzir ao máximo; aliás, o elevado consumo de matérias plásticas é uma das causas mais importantes do desmesurado aumento de consumo de produtos petrolíferos.

(2) - No decurso dos 3 anos da crise 1929/33, demoliram-se 92 altos-fornos nos EUA, 72 em Inglaterra, 28 na Alemanha; durante esse período, foram destruídos navios no total de 6,5 M.TON. (a maioria dos navios tinha de 5 a 10 mil toneladas na altura); o governo dos Estados Unidos tomou todas as medidas para reduzir a produção agrícola, destruiu 10,4 milhões de acres de plantações de algodão, comprou e destruiu 6,4 milhões de porcos, queimou trigo nas caldeiras das locomotivas. No Brasil, destruíram-se 22 milhões de sacas de café e na Dinamarca 11 mil cabeças de gado. Durante esse período, só na agricultura americana faliram 2 milhões de propriedades agrícolas por dívidas.

Colaboração de um grupo de estudantes de Económicas

CRISE DO PETRÓLEO ?



A imprensa burguesa tem vindo a lançar uma campanha contra os países árabes, baseada na posição tomada por estes países de limitar no geral os fornecimentos de petróleo bruto e de cortar mesmo quaisquer fornecimentos aos estados declaradamente aliados dos sionistas (para já, EUA, Holanda, Portugal, África do Sul e Rodésia) durante a recente guerra israelo-árabe.

Assim, apontam-se os países árabes como chantagistas, que, ao "manejarem a arma do petróleo", procurariam obter de forma "suja" vantagens políticas na luta que os opõe aos sionistas, pela libertação dos territórios ocupados, não olhando aos prejuízos que isso iria trazer aos países capitalistas, precipitados, pela redução dos fornecimentos de petróleo, em crise acentuada, com todo o seu cortejo de desempregados e de desorganização da produção.

Paralelamente, lança-se o pânico da falta de combustíveis, institui-se, por toda a Europa, um sistema de racionamento que, em primeira fase, não conduz senão a poupar 3 a 6% do consumo total de petróleo (o da gasolina e do fuel de aquecimento), exaltam-se os exemplos "heroicos" do "Zé das couves" que produz combustível no quintal e do "António das peras" que vai para o emprego num carrinho a pedais, das famílias que se juntam numa mesma sala junto ao aquecimento e classificam-se de irresponsáveis os trabalhadores que se "aproveitam da situação de crise para fazer exigências impossíveis de atender" e que, assim, "lançam a sociedade na ruína" (veja-se a campanha à volta das reivindicações dos mineiros e ferroviários da Grã-Bretanha), procurando, assim, difundir a perspectiva de que, por causa dos árabes, os tempos que se avizinham são maus e de que todos devem apertar o cinto (ainda que, para isso, tenham que fazer mais furos por já estarem no último).

Claro está, que apertar o cinto é só para alguns pois quem tem automóveis não viaja comprimido num transporte colectivo, quem ganha centenas de contos não tem problemas de custo de vida, quem vive do trabalho de outrém, viverá melhor se quem trabalha ganhar menos; continuarão pois as festanças dos burgueses, as suas férias no estrangeiro em estâncias de luxo, pois os lucros não serão reduzidos e, quem sabe, até talvez aumentem.

Mas, afinal, o que se passa de facto? Durante anos a imprensa burguesa teceu elogios ao capitalismo que, inflação à parte, "nos" propiciaria a T.V., a viatura individual, a propriedade horizontal generalizada, as férias no estrangeiro, etc.. Durante anos, fomos habituados a ouvir mestres e governantes, tecendo altas considerações sobre a impossibilidade de uma nova crise. Durante anos, a inflação que atinge os trabalhadores de todo o mundo foi apresentada pelos governos como resultado das manobras de "especuladores sem lei nem pátria" como resultado das "incomportáveis" reivindicações, de trabalhadores "irresponsáveis".

QUAL É ENTÃO A RAZÃO DE TODA ESTA CAMPANHA ?

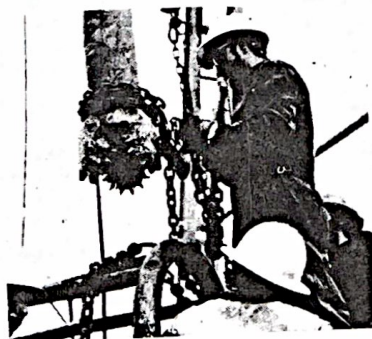
O desenvolvimento do capitalismo tem assegurado, mais do que nunca, nos últimos anos, na energia e matérias primas baratas (obtidas pelo controle das minas, poços de petróleo e plantações, nos países dominados, pelas grandes empresas internacionais), na exploração intensa dos trabalhadores emigrados (na Europa Ocidental, fundamentalmente) no aumento de preços de artigos fundamentais à vida (alimentos, vestuário, calçado, medicamentos, habitação e transportes) na ordem de 30 a 50% anuais, na produção de produtos de baixa qualidade, que se desgastam rapidamente e que depressa se têm que deitar fora (é o caso, por exemplo, da produção de automóveis, em que veículos que duravam 10 e por vezes 15 anos, passaram a durar unicamente 5 e de todos os produtos que se usam uma vez e se deitam fora, fundamentalmente recipientes de plástico (1)).

Os capitalistas, levados pela ânsia de produzir cada vez mais (para obterem lucros cada vez mais elevados) compram máquinas cada vez mais complexas e mais caras. Como a grande maioria dos consumidores é constituída pelas massas trabalhadoras, e como estes têm salários geralmente baixos, torna-se cada vez mais difícil vender todos os produtos. Então, os produtos acumulam-se nos armazéns e os capitalistas vêm-se obrigados a reduzir a produção e, não sendo as tais máquinas caras aproveitadas integralmente, os seus lucros tendem a diminuir. Nessa altura, para obviar a esta queda de lucros os capitalistas vão aumentar os preços dos produtos (desencadeando a inflação) e desenvolver as vendas a prestações e os empréstimos bancários (o que conduz a desenvolver a inflação cada vez mais). No entanto, a partir de determinado momento, nem mesmo a inflação consegue manter os lucros dos capitalistas. Como a diminuição dos lucros é

causada pelo facto de se estar a produzir mais do que os trabalhadores podem comprar, e porque as máquinas existentes são em maior número, e de custo mais elevado do que seria necessário, é-lhes necessário destruir, matérias primas, máquinas e alimentos, provocar a falência de empresas, etc.. É certo que durante algum tempo os lucros vão baixar ainda mais, mas, a partir daí, as fábricas que se mantêm a trabalhar (normalmente, pertencentes às grandes companhias) uma vez livres da concorrência incómoda, não conseguirão satisfazer a procura de bens, os preços subirão novamente e os lucros acumular-se-ão cada vez mais (2).

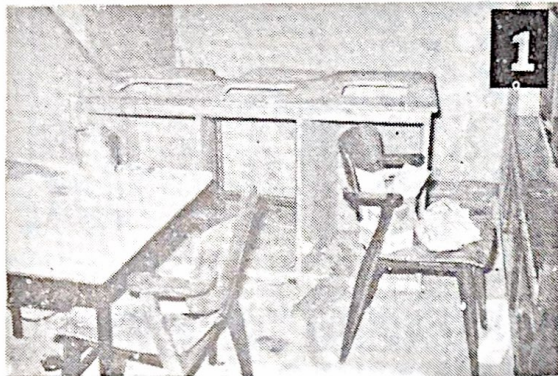
Torna-se portanto necessário aos capitalistas, uma vez que a inflação já surtiu, o efeito possível, enveredar agora por outro caminho - o encerramento das fábricas, de automóveis e têxteis, na Europa, durante uma semana em Dezembro, a semana de três dias em Inglaterra, o despedimento de centenas de milhares de trabalhadores por toda a Europa, são o primeiro passo da crise que se avizinha.

Também é verdade que as fontes de energia baratas (o petróleo e gás natural dos países dominados) se encontram em vias de extinção rápida. Os anos que decorreram desde o fim da II Guerra Mundial têm assistido a uma actuação de pilhagem generalizada das fontes de matérias primas e de energia nesses países, pilhagem essa que tem sido efectuada com total desperdício e sem qualquer preocupação de reconstituir as terras esgotadas, as florestas arrancadas (os poços de petróleo são impossíveis de reconstituir), procurando antes o mais baixo preço que permita o lucro mais elevado. Mas, nos países capitalistas, e fundamentalmente nos centros do capitalismo; EUA, Canadá, Grã-Bretanha, França e Alemanha, assiste-se ao encerramento de minas ainda produtivas, à transformação de terras produtivas em coutadas de caça (reservadas é claro), à não exploração de fontes de energia e matérias-primas, por vezes de quantidade e qualidade superiores às já existentes, pois quando se esgotarem as reservas dos países dominados, as suas próprias subirão de valor e adquirirão importância tal que os capitalistas estarão em condições de alargar e fortalecer o seu domínio sobre os povos de todo o mundo. Porém, como as matérias primas dos países dominados estão perto do esgotamento e como estes têm vindo a impor condições de venda menos lucrativas, torna-se agora necessário passar a explorar as "novas" fontes de matérias-primas e energia, alterando para isso grande número de actividades industriais.

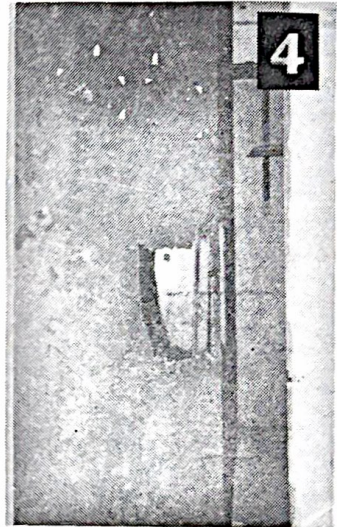
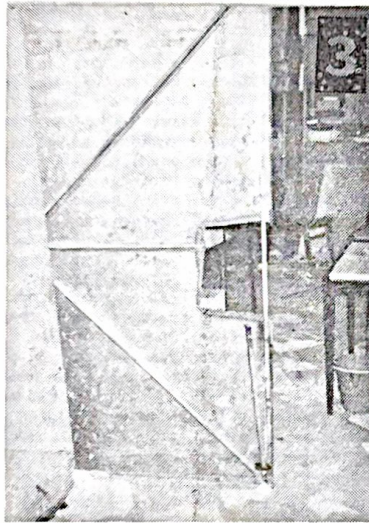
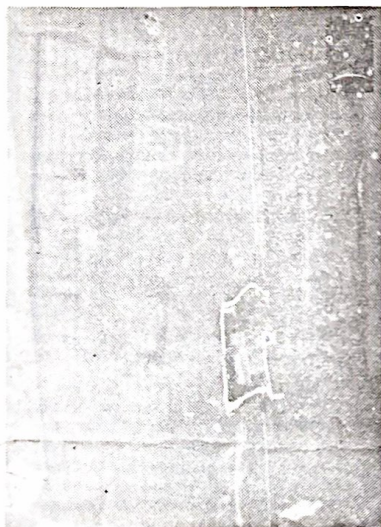


Em busca de "novas" fontes de energia

MEDICINA ASSALTADA PELA POLICIA



- 1 - SONORA sem qualquer material
- 2 - porta de dentro da EDITORIAL
- 3 - porta de fora da EDITORIAL
- 4 - porta da PROPAGANDA



Domingo, dia 3, os jornais do governo tentavam enganar a população ao informarem duma "operação policial nas caves do Hospital de Santa Maria" onde teriam sido "descobertas construções clandestinas abrigando maquinaria diversa e grande quantidade de material subversivo".

Nesta operação policial, realizada na madrugada de sábado para domingo, foi assaltada a sala de alunos e as restantes instalações associativas por uma força da PSP, comandada pelo assassino Pereira, bem acompa-

nhado pelo reitor da Universidade, Veríssimo Serrão, pelo director da Faculdade Cândido de Oliveira, além de bombeiros convocados para arrombarem as portas com machados.

Na 2ª feira, os estudantes em concentração ao gabinete do director ouviram da boca do Cândido a sua versão dos factos. As coisas ter-se-iam passado assim:

Estava o Cândido em casa quando, altas horas da noite, foi acordado por um telegrama do capitão Pereira que lhe pedia para se

deslocar à Sala de Alunos de Medicina, pois teria sido denunciada a existência de elevada quantidade de explosivos (um paiol) nas instalações associativas. O "bom" do Cândido, na sua "ingenuidade", deslocou-se prontamente até ao Hospital onde, na companhia do fascista reitor Serrão, se dignou assistir ao extenuante esforço dos bombabeiros e da polícia, que até às 5 horas da manhã como vulgares arrombadores de cofres, estouraram (a machado) uma após outra as diferentes portas. (continua na pág. 9)

ULTIMAS NOTICIAS

Transcrevemos um comunicado de um grupo de estudantes de Medicina que nos relatam últimos acontecimentos naquela escola:

"O FASCISMO LEVANTA O MURO..."

Perante a firme determinação dos estudantes de Medicina de não permitirem que lhes fosse roubado o seu principal local de reunião e discussão, a Sala de Alunos, concretizada no rebentamento do selo de lacre que a fechava, os fascistas emparedaram-na com tijolo e cimento.

Assim, 3ª fei pelas 22h. numeroso bando de pides, bem protegidos por grande número de polícias que invadiram o Hospital distribuindo-se por vários pisos, constróem a toda a pressa uma parede em frente da entrada da Sala de Alunos.

... OS REFORMISTAS TENTAM CONSERVÁ-LO...

As 11 horas de quarta-feira inicia-se frente aos vestiários, a RGA que estava convocada, tendo os estudantes presentes, em numero superior a 500, começado por discutir, apesar da oposição dos reformistas da Direcção da AE e Cia., se deviam ou não de

rrubar o muro e continuar a RGA dentro da Sala de Alunos.

Mais uma vez esses rafeiros tentam tirar e puxar a luta para trás. Depois de na segunda-feira se terem oposto a que os estudantes entrassem na Sala de Alunos e terem pedido desculpa ao director pelos termos da Moção aprovada na RGA, na quarta-feira votam, perfeitamente isolados do resto dos estudantes contra a entrada na sala de Alunos!

... OS ESTUDANTES DESTROEM-NOS.

Após a votação os estudantes concentraram-se em frente à Sala de Alunos e, colectivamente, empunhando picaretas e tubos de ferro, destruíram o muro prosseguindo a RGA na Sala de Alunos.

Após discussão decidiu-se continuar a greve pela reabertura da Associação e pela liberdade do colega Melo, preso em Caxias, preenchendo os tempos de greve com realização de reuniões de discussão e sessões culturais. Foi também aprovado um Comi

o dos Estudantes de Lisboa para sexta-feira às 15 horas que deverá preparar um Plenário a realizar na próxima semana."

Os estudantes de Medicina erguem vigorosamente a sua luta!

Saibamos seguir o seu exemplo!

Saibamos destroçar a Escola-quartel que o Governo nos tenta impôr!

CONTRA A MILITARIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE, NÃO CRUZAREMOS OS BRAÇOS!

ERRATA

Pág. 3 - No artigo sobre o Industrial, onde está "Morte ao Pide Silva", deve ler-se "Fora com o Pide Silva".

Pág. 7 - No artigo sobre a Cometa, 8ª linha, onde está "100\$00", deve ler-se "mil escudos".

Pág. 5 - Cita-se a "República" do dia 3/11/73, e não a de 2/12/73, conforme lá está.